

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio do Povo

Class.: 18

Data: 14.03.82

Pg.:



Alto-Solimões

Os novos bandeirantes de cartilha e bisturi

A jovem recém-desembarcada é uma viagem de um mês no barco Igara Cataçua, que atende as populações ribeirinhas através do Alto Solimões, em plena selva amazônica, afirma categórica: "Tenho certeza que eles são felizes".

"Eles" são os coboclos e os 15 mil índios da nação Tükuna atendidos pelos estudantes da PUC do Rio Grande do Sul, que todos os meses partem em missões de 10 a 20 alunos para desenvolverem, junto àquelas populações, inúmeros projetos de apoio.

Ela está deslumbrada com o clima, com a natureza, com esse novo mundo recém-descoberto.

Um colega seu resolveu mudar-se para lá. Graduou-se em odontologia, pegou esposa, também odontóloga, e as malas e partiu para Benjamin Constant, município-sede do Campus Avançado da PUC gaúcha.

Há dois anos na região, e transformado em secretário da Saúde do município, ele diz igualmente categórico: "Há fome e os índios vivem um processo irreversível de decadência".

Dois enfoques, duas experiências.

O primeiro reflete a descoberta que uma jovem estudante de turismo faz de um mundo que vive valores distintos dos nossos. Um mundo que se satisfaz com as coisas simples da vida e que não en-

frenta a ansiedade do consumismo, do prazer total, absoluto, utópico.

O segundo transforma a aventura de percorrer o Solimões na rotina diária de conviver com as dificuldades de uma população pobre e que trabalha no ritmo das extensões equatoriais.

Onde está a verdade?

Provavelmente em ambos os depoimentos.

A selva encanta, não há dúvida. Exerce atração quase mágica sobre os espíritos de jovens estudantes, de não-tão jovens professores que os acompanham e os diretores do Campus do Alto Solimões que lá vivem o ano inteiro.

Se assim não fosse não se justificaria a presença em quase 10 anos de mais de 1500 alunos e mestres que para lá partiram com o objetivo de pôr em andamento projetos de saúde, educação e alimentação, além de inúmeros outros que de tempos em tempos são ativados

PIONEIRISMO

A figura do jovem secretário municipal de Saúde de Benjamin Constant, saído dos bancos escolares da PUC gaúcha, lembra um pouco a mitificada figura dos pioneiros, dos desbravadores de um Brasil tomado por montanhas, selvas e animais ferozes.

Embora os universitários não sejam propriamente uma espécie de Novos Bandeirantes preserva-se

nestas investidas de alunos transportados a localidades longínquas um pouco desse espírito que, de forma geral, permanece enclausurado na alma de todas as pessoas. Para sorte nossa, a vastidão do Brasil permite que se exercite um pouco esta sensação de conquistador de novos mundos.

E ela comove, como pode se ver no tom de vibração da jovem acadêmica de turismo que se acomodou no barco Igara Cataçua e se transformou na secretária do navio, documentando as fichas dos pacientes que eram atendidos por seus colegas quase-dentistas ou quase-médicos.

O Campus do Alto Solimões é isso: dá vida aos livros. Soma um mês de prática e de improvisação aqui que eles ensinaram de forma esterilizada e ideal.

Isso explica em parte porque o jovem acadêmico, ao chegar na floresta, é assaltado por um sentimento de poder. Ele é o médico, ele é o assistente social, ou o douto-sábio que dá as palestras e ensina como preservar a higiene da comunidade, como aproveitar o estercor bovino e o lixo para produzir energia através de um biogestor, como desenvolver a horta em estufas, como criar gado, como resolver dilemas legais.

Nada da servil obediência e respeito ao mestre condecorado com títulos em universidades famosas além-mar. Ele é o próprio. Ele é

o mestre que capacita os professores da região ensinando-lhes os conteúdos de estudos sociais, de letras e ciências que serão ensinados nas escolas primárias da região.

A sensação de ser o primeiro a realizar, de fundar os alicerces, decidiu o jovem secretário de Saúde a permanecer pelo menos mais dois anos em Benjamin Constant, cidade que faz fronteira com o Peru e a Bolívia e que cresceu de quatro mil habitantes em 1972, quando começou a atividade do Campus Avançado, para 25 mil dos dias de hoje.

Esse crescimento tem seu preço: traz, num ritmo alucinante, para dentro da selva, novos costumes.

As quatro estações de televisão que atuam na área dão um sentimento de unidade, integram a região ao país, rompendo a solidão de milhares de quilômetros de floresta, mas conduzem os índios e caboclos na velocidade da luz a um mundo que lhes era absolutamente inimaginável.

As conseqüências são tristes de constatar, segundo o jovem secretário. Os índios, em especial, não resistem à atração que a tevê exerce e com assombro semelhante a dos estudantes que descobrem a floresta eles ficam sabendo que o homem já pisou na lua, que suas máquinas já chegaram em Vênus, que existe um mundo estranho e fascinante aqui mesmo neste planeta.

É o que o homem branco chama de índios civilizados. Índios que perdem aos poucos sua identidade e cultura. Um processo aparentemente irreversível.

Descobertas recíprocas, como se vê. Os estudantes encantam-se com a floresta. Os índios com o mundo do automóvel e do concreto.

ROTINA

A chegada dos estudantes já não causa a comoção dos primeiros tempos. Já se integram à rotina da cidade e da região. Os brancos, como são chamados, devido à alvura de suas peles, não chocam mais pelas roupas que trazem, ou pelos costumes e certa falta de jeito em andar de vilarejo em vilarejo com máquinas fotográficas a tiracolo, tudo perguntando e tudo querendo saber.

Final, no dia 19 de novembro fazem 10 anos que eles estão ali, arrancando dentes, plantando, jogando futebol com os caboclos, estudando a seita messiânica dos Tükuna, subindo e descendo o Solimões.

Tal atividade já pode ser expressa em estatística. Em 1980, por exemplo, através do Igara realizaram-se 30.086 atendimentos médicos, foram aplicadas 50 mil vacinas, extraídos 36 mil dentes e feitas quase 12 mil restaurações. Recentemente foi concluída a Operação Sorriso. Foram distribuídas 120 dentaduras e a alegria de po-

der sorrir outra vez deu nome à operação.

Outras das atividades com nome não menos original é o das Partejas curiosas, mulheres que realizam partos na região com absoluta destreza, e que recebem orientação técnica por parte dos estudantes e professores gaúchos.

Este tipo de atividade é realizado em outros 23 pontos do País, em especial no Norte-Nordeste. O benefício educacional verificado na experiência tem incentivado o Projeto Rondon a sustentar o programa.

Alguns resultados concretos já podem ser observados a atividade do Campus Avançado: as populações aprenderam a recorrer ao Igara para atendimento médico; o programa de vacinação ora em desenvolvimento tem evitado que a febre amarela se alastre; já existe equipe capacitada para desenvolver em Benjamin Constant um programa de Educação Física para a rede escolar e, não menos relevante, já se fixaram dois dentistas na região.

Além, evidentemente, de mostrar às novas gerações a vastidão do País, marcar presença do homem brasileiro em regiões sensíveis como esta e ali estabelecer um núcleo acadêmico preocupado com a formação do estudante e que serve de vanguarda do ensino universitário em territórios antes esquecidos.